

## **FORMAÇÃO DE LEITORES NOS ANOS INICIAIS DA EDUCAÇÃO BÁSICA, POR MEIO DE TEXTO LITERÁRIO**

Aline VILAS BOAS<sup>28</sup>

Pós-graduanda de Psicopedagogia  
(Faculdade Educacional da Lapa – FAEL)

**RESUMO:** O presente trabalho pretende chamar a atenção quanto à cultura não leitora dos brasileiros, pensando em mudar esta realidade desenvolvendo esta tradição em crianças que estão aprendendo a ler nas escolas. A pesquisa apresenta o valor da leitura, ressaltando a importância de contextualizar suas práticas com as vivências dos alunos, trazendo significado, memória afetiva e sentido social para as crianças. Observa-se a cartilha escolar com leituras fragmentadas, com pouco valor literário, desenvolvida com o propósito de estudo da língua. Neste sentido apresenta a leitura literária como um suporte fundamental na formação de leitores por exercer nas crianças e em adultos um interesse, encantamento, prazer e identificação.

**Palavras-chave:** Leitura; formação de leitores; literatura.

---

<sup>28</sup> vilasboas\_aline@hotmail.com

---

## INTRODUÇÃO

Quando se fala em leitura e o que ela significa na vida das pessoas, cada um tem uma opinião e uma definição. Mesmo aquele que não domina esta prática de decodificação, há de reconhecer a sua importância. A própria pessoa que não lê os códigos da língua portuguesa, é um ser que faz as suas interpretações, “a leitura de mundo precede a leitura da palavra” (FREIRE, 1989, p. 9) o contato com o ambiente letrado e rodeado de informações exige leitura, seja ela da palavra ou do contexto.

No ambiente escolar uma das grandes preocupações é a leitura. Isso pela complexidade em se formar leitores mais do que alfabetizados, em letrados capazes de ter uma visão de mundo. O brasileiro não tem uma cultura leitora, por isso se faz necessário encontrar caminhos para desenvolver esta prática.

Este trabalho chama a atenção aos materiais didáticos usados nas escolas, como um alerta aos educadores que precisam verificar a qualidade dos textos dentro desses livros, preocupados em verificar se eles atendem ou não na formação de leitores. A pesquisa traz o texto literário como um instrumento fundamental na concepção da cultura leitora, pela proximidade, interação e denotação que a literatura representa para o sujeito.

## IMPORTÂNCIA DE LER BONS MATERIAIS NA FORMAÇÃO DE LEITORES

A leitura é o carro chefe para a aquisição do conhecimento. Ela nos apresenta meios para mudanças sociais e do próprio indivíduo. O ato de ler contribui de forma significativa no desenvolvimento do ser. É por meio dela que se pode construir o aprendizado, compreender o mundo e ampliar conceitos em todas as áreas do saber. A leitura segundo Cagliari (1995, p.148) é “[...] uma herança muito maior do que qualquer diploma”.



---

Nos anos iniciais, boa parte das crianças demonstram-se entusiasmadas, voltadas a decifrar os códigos da língua portuguesa, o alfabeto. Fazem tentativas de leitura escrita, leem as imagens e os acontecimentos. No entanto, essa motivação inicial parece perder a força com o passar da trajetória escolar. Cagliari (1995 p. 148) afirma que a maioria dos problemas que os alunos enfrentam ao longo de sua vida acadêmica está relacionada a problemas de leitura.

A escola precisa se organizar de modo contextualizado, pensando na realidade do aluno, que precisa atribuir sentido ao que se aprende. Do mesmo modo se apresenta a leitura. Smith (1999, p. 6) explica que “as crianças se tornam leitores quando são engajadas em situações nas quais a linguagem escrita é usada de maneira significativa, assim como elas aprendem a linguagem falada quando estão em contato com pessoas.” Ainda para o autor o ato de ler não envolve nenhuma atividade que a criança já não tenha feito, no entanto o ambiente escolar apresenta matérias sem sentido nenhum para a criança aprendendo que a leitura não é questão de fazer sentido e sim, de ler corretamente.

Cagliari apresenta que a leitura é muito mais do que só decodificar (1995 p. 149) “[...] é uma atividade extremamente complexa e envolve problemas não só semânticos, culturais, ideológicos, filosóficos, mas até fonéticos”. Existe toda a função social que ela exerce. A leitura não pode se limitar a uma “atividade escolar”.

Existem pessoas que leem com fluência sem decifrar o contexto do que se leu. Há um todo diante do significado e compreensão do que se lê. O mundinho da criança precisa ser representado na escola. O ambiente escolar acaba sendo tão e somente “o local de estudo”. Isso se revela no material didático usado. Como é possível um aluno de escolas no centro de uma cidade usar o mesmo material na periferia? O que mais preocupa não é o uso deste material e sim o uso único e exclusivo do mesmo. Como haveria significado tão iguais para realidades tão diferentes? Bordini e Aguiar (1993. p. 19) apresentam a leitura como algo muito mais singular. Na procura por significado:

---



---

O indivíduo busca, no ato de ler, a satisfação de uma necessidade de caráter informativo ou recreativo, que é condicionada por uma série de fatores: os alunos são sujeitos diferenciados que têm, portanto, interesse de leitura variada. As pesquisas que se empenham em delinear um quadro dos interesses de leitura das crianças e jovens têm em conta, como elementos determinantes, a idade, a escolaridade, o sexo e o nível sócio-econômico.

Torna-se inviável e caro para os cofres públicos produzirem livros didáticos específicos para cada escola ou município. Então, cabe ao educador buscar novas fontes na literatura disponível na biblioteca da escola, da cidade e nos meios digitais enriquecendo e aproximando a leitura e os conhecimentos da realidade do aluno.

Seguindo as bases do materialismo histórico dialético de Marx e Engels pode se entender o homem como um ser histórico, que se constrói através de suas relações com o mundo natural e social. A leitura precisa ser uma presença viva na realidade das pessoas, arquitetando sua história, desenvolvendo sua cognição, moldando seu caráter e ampliando as suas vivências.

A escola consiste em um local de ampliação do universo da criança a partir de suas experiências. O ambiente escolar deve apresentar os conhecimentos baseados em seu uso social dialogando com o aluno. Boff (1997, p.10) compreende que:

Ler significa reler e compreender, interpretar. Cada um lê com os olhos que tem. E interpreta a partir de onde os pés pisam. Todo ponto de vista é à vista de um ponto. Para entender como alguém lê, é necessário saber como são seus olhos e qual é a sua visão de mundo. Isso faz da leitura sempre uma releitura.

Crianças não são telas em branco. Elas chegam à escola carregadas com suas vivências e cheias de curiosidade. Se o professor lê determinado livro e vai, em um momento posterior à biblioteca, os alunos que gostaram do que ouviram, procuram emprestar o mesmo texto, porque a história apresentou algum significado. Aqueles que não possuem nenhuma relação com a literatura por meio de livro, desenho ou filme chegam a um ambiente de leitura e não sabem o que levar para casa. Nada ali tem



---

sentido. Do mesmo modo o livro didático, se não contemplar a realidade do aluno não exerce a sua função de gerar conhecimento.

Dietzsch (1994 p. 34) faz uma crítica ao uso das cartilhas dizendo que ela “[...] mantêm o mesmo conteúdo ao longo dos anos, apresentando, quase que somente, as mudanças exigidas pela adaptação ortográfica e diferenças nas formas de apresentação externa e nas ilustrações.” Nessa perspectiva fica evidente que o livro de apoio escolar ainda é o mesmo, em páginas novas e com alterações de ordem gramatical. Como pode tornar os alunos pensadores, agentes de transformação e leitores por meio de materiais tão ultrapassados? Lajolo e Zilberman (1998, p.120) de igual forma apontam o empobrecimento do conteúdo abordado no material didático na escola:

O livro didático é o primo pobre da literatura, texto para ler e botar fora, descartável porque anacrônico: ou ele fica superado dados os progressos da ciência a que se refere ou o estudante o abandona, por avançar em sua educação. Sua história é das mais esquecidas e minimizadas, talvez porque os livros didáticos não são conservados, suplantado seu “prazo de validade”.

A leitura não pode ser desvalida no sentido de servir tão e somente ao estudo da língua. Textos resumidos, fragmentados e sem sentido que não empolgam em nada os alunos. Lê-se para fazer exercícios descontextualizados e exaustivos, tornando a leitura um peso para o aluno, que não busca leituras fora desse ambiente por não ter uma relação de sentido com essa prática.

O livro didático não pode ser considerado o culpado pela não formação de leitores e por sua alienação. A educação precisa servir a sociedade trazendo mudança e não os alunos serem moldados sem um desenvolvimento pleno. Lajolo e Zilberman (1998, p. 121), fazem uma consideração sobre o livro didático como uma “poderosa fonte de conhecimento da história de uma nação que, por intermédio de sua trajetória de publicações e leituras, dá a entender que rumos seus governantes escolheram para a educação [...]”. Rumo este que não tem formado leitores e sim ledores.



---

Que fique claro que o problema não é o livro didático e sim ele ser o único instrumento de trabalho do professor. É importante contextualizar as literaturas presente nele com outros materiais e recursos. É preciso ampliar os conceitos, apresentar novas formas, métodos e instrumentos.

No PNLL (2014), Plano Nacional de Livro e Leitura, tem como objetivo principal a formação de uma sociedade leitora por meio de implantação de políticas de incentivo e democratização da leitura. Mesmo com o aumento de livrarias e bibliotecas, ainda consumo de livros são muito baixos, em comparação a outros países mais ricos e desenvolvidos. Continuamos com taxas ainda elevadas de analfabetismo, na ordem de 8,5% da população em 2012, o equivalente a 13,2 milhões de pessoas incapazes de ler e escrever, número que supera a população da cidade de São Paulo. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2018) a taxa de analfabetismo caiu de 7,2% em 2016 para 7,0% em 2017, representando 11,5 milhões de pessoas que ainda não sabem ler e escrever.

O DCEs Diretrizes Curriculares da Educação Básica de Português do Paraná (2008, p. 55) destacam-se a oralidade, a escrita e a leitura como práticas discursivas. Apresenta que no processo de ensino-aprendizagem, “[...] é importante ter claro que quanto maior o contato com a linguagem, nas diferentes esferas sociais, mais possibilidades se tem de entender o texto, seus sentidos, suas intenções e visões de mundo.” Não basta alfabetizar. É preciso ampliar os conhecimentos dos alunos. Dar a eles a oportunidade de desbravar os saberes.

A leitura hoje é muito mais disponível e acessível. Locais como bibliotecas públicas, escolares, livrarias e até mesmo em plataformas digitais é possível encontrar bons livros e textos dos mais variados gêneros e temas. No entanto, os números assuntam e no levam a refletir, será que a população que corresponde aos alfabetizados de fato são autores do conhecimento e realmente sabem ler e escrever? Essa é uma pergunta que ainda não se tem resposta. Analisando o quanto se lê no Brasil na quarta



---

edição da pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil* lançada em 2016 organizada por Zoara Failla aponta que, o brasileiro lê 4,96 livros por habitante/ano. Os principais motivos para ler estão ligados diretamente às atividades escolares.

Deste modo, é nítida a falta de uma cultura leitora. Lê-se por obrigação e não por satisfação. Para Rezende (2009, p. 3) “Lê o essencial para o desempenho de suas atividades escolares/acadêmicas”. E ainda a autora ressalva que para uma leitura plena o leitor precisa ter “[...] conhecimentos prévios, vivência cultural, domínio de conceitos – não basta o de palavras”. Ou seja, é de suma importância introduzir uma cultura leitora desde a infância, para se constituir um adulto que lê, apresentando desde cedo literaturas ricas presentes em livros, filmes, desenhos e a arte como um todo.

O ensino não pode se dar de forma desarticulada ensinado somente as partes, letras, sílabas, palavras, frases para partir depois ao texto. É importante sair do todo para as partes. Dar sentido ao que se ensina. Para Cagliari (1998 p. 312), o segredo da alfabetização é a leitura. “Alfabetizar na sua essência, ensinar alguém a ler, ou seja, a decifrar a escrita. Escrever é uma decorrência desse conhecimento, e não o inverso.” No entanto, as escolas se debruçam durante muito tempo no campo da escrita, do registro, por se tratar de algo concreto.

Há uma grande preocupação da escola em avaliar os resultados de seus alunos e na leitura este processo se torna complexo. O colégio passa a se pautar muito mais na escrita, porque dela é possível apontar os erros e acertos, diferente da leitura. Talvez pela cobrança dos pais dos alunos em obter materiais de ensino concreto ou pela formação do educador. Segundo Rezende e Franco (2013) é necessário ter um olhar especial para os cursos de formação dos professores, prepará-los desenvolver em seus alunos uma necessidade real de leitura.

Sem um contato significativo com o ato de ler, não há a possibilidade desenvolver crianças em futuros adultos leitores. Segundo Arena (2003), não lemos



---

por hábito, gosto ou prazer, mas por necessidades que são geradas a partir das relações sociais entre os indivíduos. Mas o que é o prazer, o deleite se não uma necessidade humana? Se é por gozo ou carência o fato é que a escola tem o papel importante de desenvolver nas crianças a prática da leitura. Apresentando obras literárias articuladas, pensadas e planejadas.

Mas o que pode ser considerado literatura? No dicionário Aurélio (2002) a definição aparece como “um conjunto das obras literárias de um país ou de uma época, escritos narrativos, históricos, críticos, de eloquência, de fantasia, de poesia, e populares”. Lajolo (2001, p. 44) apresenta a literatura como “uma porta para variados mundos que nascem das várias leituras que dela se fazem. Os mundos que ela cria não se desfazem na última página do livro [...] Permanecem no leitor, incorporados como vivência, marcos da história de leitura de cada um.” Nesse sentido a leitura literária exerce um papel imprescindível na busca criar uma cultura leitora, porque os conteúdos desses textos fazem parte do contexto histórico da criança. É a arte imitando a realidade e prestando o serviço de envolver, seduzir e desenvolver o cognitivo das pessoas.

Mas não é qualquer livro que pode cumprir a função de encantar, atrair e conectar as crianças ao universo leitor. O conteúdo deve apresentar qualidade, novidade e significado. Muitos livros, como critica Soares (2011) tem prestado o serviço de escolarização da literatura de forma inadequada como resultado de uma “pedagogização” ou uma “didatização” mal compreendidas, transformando o literário em conteúdo escolar assim como outros conhecimentos, quando transformados em saberes escolares.

Não se forma leitores através do ‘bá-be-bi-bo-bu’. É por meio do texto que se constituem leitores. Através da literatura, onde acontece um diálogo e interação entre o que lê e quem contempla. Lajolo e Zilberman (1998) afirmam que sem livros não há





---

leitores. Sem interação entre o sujeito e o texto não existe leitura. Se forma leitores que só repetem palavras sem significado.

No livro *Literatura: leitores e leitura* de Marisa Lajolo (2001) a autora apresenta inúmeras indagações sobre o que de fato é literário. Será que são só os *best-sellers* ou há espaço para o texto de autores marginalizados? Cabe ao leitor definir, neste caso o professor. Não no sentido de apresentar somente conteúdos da realidade do aluno, mas de apresentar que há arte literária no seu contexto. O educador sabe quem são seus alunos e precisa ter um olhar delicado e apurado para o que agrega valor e importância para a sua turma. Analisar textos bem elaborados e estruturados. O que é literário? É muito subjetivo. Assim como a formação de leitores exige observar e contemplar a subjetividade do aluno.

## CONCLUSÃO

Há certa complexidade em formar leitores. Não acontece do dia para a noite, não é por meio de apenas um bom livro. É um exercício de experimentação diária. O professor é encarregado de alimentar seus alunos com boas obras, de trazer novidades e oportunizar momentos. Trago a responsabilidade para o educador, por entender que ele faz parte de uma cultura leitora, mas também é fundamental a participação da família nesse processo.

Leitores tem uma relação de vínculo e intimidade com a leitura. Fora disso, são meros leitores, repetindo palavras sem sentido, decodificando sinais gráficos, contemplando os desenhos das letras.

O livro didático ainda não é o esperado. No entanto, o docente é essencial quanto à abordagem com este instrumento, que não deve ser totalmente contemplado ou descartado. É crucial um olhar clínico na seleção do que dá para usar com determinada turma, fundamentando, contextualizando e planejando com qualidade as suas aulas.



---

O caminho para desenvolver uma cultura leitor é árduo e trabalhoso, principalmente para o professor. Ele que está à frente nesta ação e tem a dura missão de transportar os alunos a esta tradição. A literatura parece ser um meio válido e determinante nesta função. Ressaltando que não é qualquer texto literário, mas escritos que se aproximem das vivências do aluno, que interajam com o seu conhecimento de mundo, que traga sentido, encantamento, prazer, gosto e entusiasmo.

## REFERÊNCIAS

- ARENA, D. B. Nem hábito, nem gosto, nem prazer. In: MORTATTI, M. R. L. (Org.). **Atuação de professores: propostas para a ação reflexiva no ensino fundamental**. Araraquara: JM. 2003.
- AURELIO. Dicionário de língua portuguesa. 4 ed. Rio de Janeiro. 2002.
- BOFF, L. **A águia e a galinha**. Petrópolis. Vozes, 1997.
- BORDINI, M. da G.; AGUIAR, V. T. de. **Literatura - a formação do leitor: alternativas metodológicas**. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.
- BRASIL. **Plano Nacional do Livro e Leitura**. 2014.
- CAGLIARI, L. C.. **Alfabetização e linguística**. São Paulo. Scipione, 1995
- \_\_\_\_\_. **Alfabetizando sem o bá-be-bi-bo-bu**. São Paulo. Scipione, 1998.
- DIETZSCH, M. J.. Cartilha: a negação do leitor. In: MARTINS, M. H. **Questões de linguagem**. São Paulo: Contexto, 1994.
- FAILLA, Z.(Org.) **Retratos da leitura no Brasil**. 4 ed. Rio de Janeiro: Sextante, 2016.
- FREIRE, P. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. 23 ed. São Paulo: Autores Associados / Cortez, 1989.
- IBGE, Diretoria de Pesquisas, Coordenação de Trabalho e Rendimento. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios**. 2018
- LAJOLO, M.; ZILBERMAN, R. **A formação da leitura no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1998.
- \_\_\_\_\_. **Literatura: leitores e leitura**. São Paulo: Moderna, 2001.



---

PARANÁ. Secretaria de Estado da Educação. **Diretrizes Curriculares da Educação Básica**. Curitiba: Seed/DEB-PR, 2008.

REZENDE, L. A.; FRANCO, S. A. P. **Formação de professores e de leitores: considerações a partir de dizeres de alunos**. Impulso, Piracicaba, 2013.

\_\_\_\_\_. **Leitura e formação de leitores**. Londrina: EDUEL, 2009.

SMITH, F. **Leitura significativa**. 3.ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1999.

SOARES, Magda. A escolarização da literatura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, A. A. M.; BRANDÃO, H. M. B.; MACHADO, M. Z. V. (Org.). **Escolarização da leitura literária**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

